

## PROTAGONISTAS NA TERAPIA OCUPACIONAL BRASILEIRA: AS MEMÓRIAS DE VIRGÍLIO CORDEIRO DE MELO FILHO\* 1

Protagonists in brazilian occupational therapy: the memories of Virgílio Cordeiro de Melo Filho

Protagonistas en la terapia ocupacional brasileña: las memorias de Virgílio Cordeiro de Melo Filho

**Amara Lúcia Holanda Tavares  
Battistel**

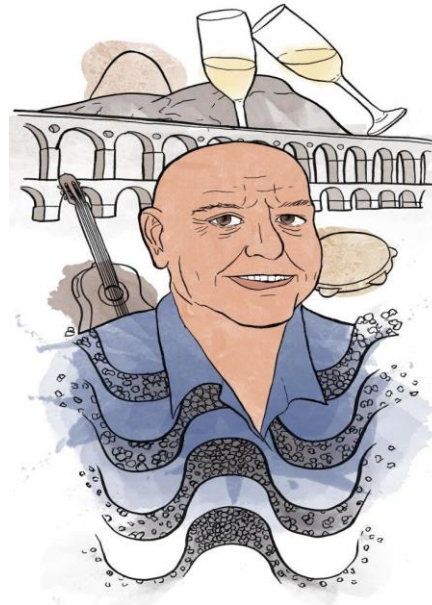
Docente do Departamento de Terapia  
Ocupacional da Universidade Federal de  
Santa Maria, UFSM

amarahb@gmail.com

**Silvia Maria de Aguiar Isaia**

Programa de Pós-graduação em Educação da  
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM

sisiaia@terra.com.br



240

*La vie en Rose*

*Édith Piaf*

*Des yeux qui font baisser les miens,  
Un rire qui se perd sur sa bouche,  
Voilà le portrait sans retouche  
De l'homme auquel j'appartiens*

*[Refrain]*

*Quand il me prend dans ses bras  
Il me parle tout bas,  
Je vois la vie en rose.  
Il me dit des mots d'amour,  
Des mots de tous les jours,  
Et ça me fait quelque chose.  
Il est entré dans mon coeur*

*Une part de bonheur  
Dont je connais la cause.  
C'est lui pour moi,  
Moi pour lui dans la vie,  
Il me l'a dit, l'a juré  
Pour la vie.  
Et dès que je l'aperçois  
Alors je sens en moi  
Mon coeur qui bat*

*Des nuits d'amour à plus finir  
Un grand bonheur qui prend sa place  
Des ennuis des chagrins s'effacent  
Heureux, heureux à mourir.*

*Quand il me prend dans ses bras  
Il me parle tout bas,  
Je vois la vie en rose.  
Il me dit des mots d'amour.*

*Des mots de tous les jours,  
Et ça me fait quelque chose.  
Il est entré dans mon coeur  
Une part de bonheur  
Donc je connais la cause.  
C'est toi pour moi,  
Moi pour toi dans la vie,  
Il me l'a dit, l'a juré  
Pour la vie.  
Et dès que je l'aperçois  
Alors je sens en moi  
Mon coeur qui bat*

*Une part de bonheur  
Dont je connais la cause.  
C'est lui pour moi,  
Moi pour lui dans la vie,  
Il me l'a dit, l'a juré  
Pour la vie.  
Et dès que je l'aperçois  
Alors je sens en moi  
Mon coeur qui bat*

\* Imagem: Deirdre Holanda (2016).

## 1 INTRODUÇÃO

A entrevista com Virgílio remeteu-me a Alvito<sup>1</sup> (p. 119) quando ele relata que o sambista Aniceto do Império, após conversar com um jornalista, compôs um samba dizendo “sofri uma entrevista esta manhã” e tece considerações quanto aos motivos pelos quais os nossos colaboradores nos “concedem” uma entrevista, um dos quais está relacionado à consciência de ter desempenhado um papel importante na história e ao fato de a entrevista ser uma forma de garantir que sua experiência fique registrada.

Entrevistá-lo não foi difícil, o laborioso foi convencê-lo a “sofrer” uma entrevista. Ao conhecê-lo, no XII Encontro de Docentes (ENDTO), ocasião em que fora homenageado, conversei sobre meu projeto e contei-lhe sobre meu interesse em entrevistá-lo. Provavelmente ele, impactado pela emoção da homenagem, prontificou-se a me conceder a entrevista. Porém, no decurso do tempo, entre este encontro e o momento em que eu me considerei apta a iniciar as entrevistas, sucederam-se alguns fatos em sua vida pessoal que o fizeram não mais se dispor a conceder a entrevista.

Após várias tentativas minhas e de pessoas a ele relacionadas, desistir de incluí-lo entre os narradores parecia ser o mais sensato, decisão com a qual aparentemente eu concordei, mas que não consegui aceitar. Nesse momento, compreendi ao que Caldas<sup>2</sup> se refere quando diz: “A ‘vontade de conhecimento’ deve começar por acumpliciar-se com o sujeito no poder que este tem de nos resistir em sua singularidade” (p. 65).

Assim, no adiantado do meu prazo para terminar a tese, surgiu uma luz no fim do túnel. O XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional (CBTO) foi realizado no Rio de Janeiro e, na programação, constava uma mesa redonda cujo tema tratou da História da Terapia Ocupacional no Brasil – e Virgílio era um dos componentes. Ao saber disso, resolvi participar do evento e, pouco depois, recebi um convite para participar desta mesa. Quando tudo parecia confluir para a concretização de meu encontro com Virgílio, fiquei sabendo que ele não estava muito disposto a participar do evento. Diante dessa perspectiva, iniciou-se um processo de acumpliciamiento entre diversos colegas que tinham interesse na realização da mesa.

Uma vez no evento, Virgílio deliciou-se com as reverências a ele direcionadas e brilhou a mesa, após o que, ainda incrédulo com tanto interesse em sua narrativa, “sofreu” uma entrevista coletiva. Eu, mais dois outros pesquisadores e as colegas Rita Barcellos<sup>2</sup> e

---

<sup>2</sup> Professora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria/RS

Lisete Vaz<sup>3</sup>, tivemos o prazer de estabelecermos um diálogo coletivo e aconchegante com ele. Virgílio é ímpar! É apaixonado e apaixonante!

Na escolha da música para Virgílio, contei com a colega Rita Barcellos, sua ex-aluna e amiga do colaborador, a quem devo o agradecimento por ele ter, finalmente, aceitado o convite para a entrevista. Ele costuma cantar essa música em momentos de alegria e enlevo e, de certa forma, ela me remete a certo requinte muito similar à elegância com que o Virgílio se veste da e ensina a Terapia Ocupacional.

## 2 Narrativa de Virgílio Cordeiro de Melo Filho – Rio de Janeiro/RJ



4

*Fui trabalhar como terapeuta ocupacional a vida inteira e não sei fazer outra coisa. Nunca me aposentei da Terapia Ocupacional.*

*Eu não consigo falar sobre mim mesmo, cada um de vocês tem suas ideias que não vão extrapolar o que eu penso... Bom, eu sou Virgílio, vim de João Pessoa, mas vim muito novo para o Rio e me considero carioca. Trouxe toda minha família pra cá. Minha mãe faleceu aqui no Rio. Morávamos em Copacabana, em um apartamento com três quartos e um corredor. Uma vez vinha pelo corredor quando senti que algo me bateu no meu ombro. Era minha mãe que me dizia: “Você está louco! Quer me derrubar, filho, aqui no corredor?”. E eu respondi: “Não, mãe! Eu estou fazendo um treinamento de cego” (Eu vim do banheiro até a sala com os olhos fechados). E ela disse: “Isso é profissão de louco! Brincar com uma coisa dessas, não se brinca com a visão!” Mas era o treinamento da própria casa...*

*Foi aqui no Rio de Janeiro que estudei, trabalhei e me aposentei. Aqui é o meu chão! Só saio daqui se eu... Eu me formei em 1971 pela Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro – ERRJ. Depois, fui trabalhar como terapeuta ocupacional a vida inteira e não sei fazer outra*

<sup>3</sup> Professora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ

<sup>4</sup> Fonte da imagem: Deirdre Holanda (2016).

*coisa. Não sei se faço bem ou mal, mas nunca mais larguei. Nunca me aposentei da Terapia Ocupacional.*

*Entrei para visitar e fiquei na ABBR<sup>5</sup> a vida inteira. Aqui é meu chão e aqui que eu quero ficar. Na minha carteira profissional só tem registro da ABBR. A vida inteira trabalhei lá, até minha saída.*

*Antes de fazer Terapia Ocupacional, eu fazia Odontologia, mas já tinha feito Línguas Neolatinas também, nada me satisfazia. Descobri a Terapia Ocupacional quando meu pai teve esclerose lateral amiotrófica e foi cuidado por uma fisioterapeuta, eu achava lindo aquele trabalho. Então, eu falei, onde é que estuda isso? Eu quero fazer isso, ter aquele contato com o paciente. Então me falaram para ir ao hospital de servidores, e a pessoa que me recebeu lá falou: “Não, aqui só tem o curso de massagista, e o que você está procurando só tem na ABBR. Foi a primeira vez que eu ouvi falar em ABBR. Então eu fui lá, a primeira pessoa que me recebeu foi Maria Antônia<sup>6</sup> [Aplausos], ela é sensacional. Responsável pela Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, desde a sua fundação até o fechamento. É minha amiga e até hoje eu a adoro e sempre estamos conversamos. Mas foi assim, e quando eu visitei a Terapia Ocupacional fiquei encantado. Quando eu entrei na TO geral, tive aquele choque e falei: Nossa Senhora! Aquelas pessoas com deficiência física, na cadeira de rodas, hemiplégica, e todo mundo trabalhando de certa maneira feliz, todos alegres, participante. Pensei: Meu Deus do Céu! O que é isso? Disseram-me que era a Terapia Ocupacional e que tinha um curso de formação. E foi assim que eu deixei tudo que eu estava estudando ou tinha estudo para fazer Terapia Ocupacional e não me arrependo até hoje. Faria tudo igual novamente. Eu não me arrependo, desde o comecinho, como eu falei pra vocês, porque eu fui à ABBR, é que eu vi a diferença, eu achei que só existia Fisioterapia, por causa do fisioterapeuta que atendia meu pai. Então eu falei: Aqui é meu chão e aqui que eu quero ficar. Entrei para visitar e fiquei na ABBR a minha vida inteira. Na minha carteira profissional só tem registro da ABBR. Até a saída, eu trabalhei lá a vida inteira!*

*Meus professores foram basicamente médicos, naquele tempo não tinha... A não ser os professores de TO ou os professores que davam atividades e ensinavam aquela coisa artesanal. Tem uma pessoa que quando falo na Terapia Ocupacional me emociono que é a*

<sup>5</sup> Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR).

<sup>6</sup> Maria Antônia Pedrosa de Campos: Atuou na ABBR e foi decisiva para o reconhecimento desses campos profissionais pelo Ministério da Educação (MEC) e por sua posterior regulamentação. Disponível em: <<http://www.crefito2.gov.br/noticias/noticias/crefito-2-condecora-com-medalha-a-sra.-maria-antonia-pedrosa-de-campos--472.html>>. Acesso em: 31 out. 2015.

*Guiomar, que foi professora, uma pessoa maravilhosa, porque ela acreditava, depois ela fez Medicina, não adiantou... Fez medicina e parou, e ela fez Terapia Ocupacional até morrer! Nós não tínhamos nem sede, pedia emprestada uma sala, usava o pátio, fazia reunião na casa de um, na casa de outro. Foi um trabalho de formiguinha mesmo, mas o nosso reconhecimento, da nossa profissão foi através do conhecimento, da cientificidade da Terapia Ocupacional. Às vezes o trabalho manual é um risco para quem está de fora, por que qualquer um pode fazer um trabalho manual... Tinham as adaptações, tornar aquilo funcional era um trabalho muito sério. E a gente tinha uma visão holística, a nossa visão do ser humano, como é que vamos tornar aquele paciente, aquela pessoa o mais possível independente, o mais próximo da realidade.*

*Eu tive a Dona Hinda Burlamaqui, ela está viva ainda, que foi responsável pelo nível da Terapia Ocupacional! Era uma mulher viajadíssima e a cada país que ela visitava se interessava muito por Terapia Ocupacional e foi uma pessoa que nós tínhamos amizade muito próxima. Depois ela ficou mais velha, ficou viúva, quase não anda, usa uma bengala. Mas isso não invalida a vida anterior, é muito rica, isso não morre. Eu gosto muito dela e acho que ela é pouco conhecida na Terapia Ocupacional, Hinda Burlamaqui! Foi ela a responsável por eu ser TO. Para mim é uma grande honra, mas por ela, porque ela falava da Terapia Ocupacional de uma maneira tão apaixonante e humana. Eu que estava fazendo um curso de Fisioterapia pude ver a diferença. Falei: Mas a Terapia Ocupacional tem alma! Fisioterapia, cá pra nós! Então, eu fiquei encantado com aquilo, e fui à secretaria da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, e falei com a secretária, a Dona Maria Antônia, que é uma pessoa que sempre deve ser considerada. Eu lhe perguntei: Dona Maria Antônia, me diga uma coisa, é proibido um homem fazer TO? Ela me respondeu: “Não! Por que, você quer fazer?”. Eu respondi afirmativamente e ela disse: “Então é agora!”. E fez minha transferência de curso.*

*Antes de mim, tinha formado um homem, mas que não chegou a exercer a profissão. E eu fui o primeiro que chegou a exercer a profissão, a ter CREFITO<sup>7</sup>. Fui o primeiro terapeuta ocupacional homem do Brasil, dizem que da América Latina, mas eu não tenho como comprovar isso. Isso vem do folclore.*

*Das americanas que deram aula no curso eu só conheci a história. Não sei como foram formadas as terapeutas ocupacionais que me deram aula. A Hilêde Wanderley*

---

<sup>7</sup> Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO).

*Catanhede<sup>8</sup> sim! Mas parece que ela foi a primeira, ela conviveu com as americanas mesmo. Hilêde está viva ainda. Eu sei que ela mora em Copacabana, mas eu não tenho o endereço dela. Acredito que ela deva ter 83 anos, por ai. Ela foi uma pessoa que trabalhou muito. Uma vez ela se decepcionou com a Terapia Ocupacional por uma questão política da ABBR e fez Serviço Social. Trabalhou muito tempo como assistente social. Mas eu sempre falava para ela: “Mas a tua alma como terapeuta ocupacional não dá para apagar não.” O que vem a ser alma de terapeuta ocupacional não sei diagnosticar, não sei definir. Está relacionado ao desempenho... É difícil porque não dá pra definir, dá para sentir. É de percepção mesmo.*

*Eu conheço muitos fisioterapeutas que lamentam não ter feito Terapia Ocupacional, porque só depois que descobriram a TO depois de ter se formado em Fisioterapia. Porque no começo era considerada profissão de mulher, só lidava com bordado, atividades artesanais, coisa ridícula porque não é nada disso, mas naquele tempo existia o preconceito e preconceito, sabe o que... Então, foi uma luta, as primeiras turmas, o primeiro homem terapeuta ocupacional... Escândalo! Mas eu não me arrependo. “Eu não vou fazer Fisioterapia, porque não é a minha”. É uma coisa estanke, chega, para, Terapia Ocupacional não, vai adiante!*

*Com a Nise, eu só tive contato através de palestras. Uma vez eu a levei ao palco do auditório, já em cadeira de rodas, quando ela foi dar uma palestra na ABBR. Ela estava em declínio, em declínio físico, da saúde, mas a inteligência, perfeita. É uma pessoa que todos nós, terapeutas ocupacionais, temos que reverenciá-la. Ela tinha alma de TO! Ah sim, tinha!*

*Em Saúde Mental, eu fiz estágio, eu me apaixonei, mas naquela época pagavam uma miséria, quem pagava melhor ainda era a ABBR. Eu fui formado pela Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro e fiquei lá. Uma vez, fui trabalhar em Piracambi<sup>9</sup>, mas era uma maratona pra ir, eu não tinha carro, pegava o trem na central, ia balançando, chegava em Japeri, pegava outro pra ir ao hospital (manicômio). Mas adorava, tinha padaria lá, fazia queijo, fazia manteiga, o café da manhã era sensacional [Risos]. A volta era outra aventura, a gente ia a pé até a Dutra e vinha de caminhão, de carona, era uma coisa, mas deu certo.*

<sup>8</sup> Terapeuta ocupacional formada pela primeira turma da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (ERRJ), fez parte da comissão responsável por acompanhar o processo de reconhecimento dos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da ERRJ junto ao Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://www.crefito2.gov.br/crefito-2/medalha-dr-fernando-lemos/dra--hilede-wanderley-catanhede-1416.html>>. Acesso em: 19 out. 2015.

<sup>9</sup> Hospital Psiquiátrico Piracambi.



*Quanto a virar professor foi uma coisa assim... Olha, fui quase empurrado. [...] Quando em formei, a Hinda Burlamaqui disse: “Você foi bom aluno, você vai dar aula!” Quanto a virar professor foi uma coisa assim... Olha, fui quase empurrado, não tinha quem ministrasse as aulas, então me disseram: “Vai você, está mais recente!”. Na verdade, quando eu estava no terceiro ano do curso (eram três anos naquela época) eu já dava aula. Quando em formei, a Hinda Burlamaqui disse: “Você foi bom aluno, você vai dar aula!” Eu disse: Mas como?! Eu nunca fui professor... Eu não tinha o curso de mestrado, o curso que tenho, mas no começo não tinha. Mas fui aprendendo. Mas foi bom. Nós não tínhamos uma formação pedagógica no curso de Terapia Ocupacional, nós tínhamos uma noção de pedagogia, de valores a atribuir às questões, mas como avaliar, atribuir notas aos acertos, como valorizar as partes que dava pra valorizar, era cruel, foi um aprendizado. Depois, eu fiz o curso de Especialização em Ensino Superior.*

*Eu preparava minhas aulas pelo Willard & Spackman, era a bíblia da Terapia Ocupacional, e pelo que chegava do estrangeiro... Modelo canadense... Tinha uma professora canadense ou americana... Mas era uma realidade diferente da nossa e a gente via aquele negócio, muito tear, dentro de um modelo nórdico, e fomos transferindo para o Brasil, adaptando a nossa realidade. Nisso, a Hinda Burlamaqui foi sensacional, ela viajava o mundo inteiro, então ela tinha a noção da substituição das atividades lá fora para as nossas atividades aqui. Tinha o livro do Elso Arruda, mas era mais de psiquiatria. E eu, como trabalhava na ABBR, então sempre fui focado mais na deficiência física. O que eu acho que não invalida, nós somos um todo. E na deficiência física, às vezes, você encontra mais sequelas psíquicas ou psicológicas do que...*

*Eu me sentia inseguríssimo para preparar minhas aulas. Mas tinha Hinda Burlamaqui, que era uma pessoa que falava inglês, francês, falava tudo, e ela dizia: “Vamos lá pra casa!”. Ela morava no Leme, e eu adorava ir pra lá, não só pelo estudo, mas pelo banquete que ela servia [Risos]. Ela era uma pessoa muito sofisticada, o Coquilles Saint Jacques, era tudo perfeito! A copeira vinha e servia à francesa, mas não é porque estava recebendo alguém. Era assim sempre, era dela. E ela era uma pessoa maravilhosa, era e é, porque está viva ainda, desculpe!*

*A primeira escola Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro, a ERRJ<sup>10</sup>, era uma escola elitista, mas não porque ela tinha essa filosofia, era pela localização na Zona Sul/Jardim*

<sup>10</sup> ERRJ – Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro. O curso de Terapia Ocupacional foi extinto.

*Botânico e pela clientela que vinha das redondezas. Muita gente, que não tinha passado em Medicina, vinha fazer Reabilitação, uns entravam para a fisio e depois mudavam para a TO e vice-versa. Inicialmente, era mais classe média alta que fazia TO, mas era por causa da localização, não tinha a comunicação que hoje nós temos, televisão era coisa restrita.*

*Além de trabalhar no serviço de reabilitação da ABBR, eu trabalhei na Frasce, eu dava aula lá e na ABBR, fiquei nos dois. A Nelcy<sup>11</sup> foi antes de mim para a Frasce, mas ainda não estava na hora de eu entrar, eu só ia entrar quando começasse as disciplinas da especialização, só então é que eu fui pra lá e passei alguns anos dando aula na Frasce. Eu trabalhava na ABBR, os dois expedientes, saía de lá, atendia pacientes particulares (sempre atendi paciente particular) e depois ia dar aula na Frasce, quando chegava em casa era meia noite, quinze para meia noite, depois de um dia de trabalho e tal, mas chegava feliz. Então, foi um período bom, e foi na FRASCE<sup>12</sup> que eu me encontrei mais com a Terapia Ocupacional. Às vezes, na FRASCE, eu ouvia questionamentos ou perguntas que eu mesmo não sabia responder...*

*Eu trabalhei na FRASCE muitos anos. Foi um período muito bom porque eu dava aula na Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, onde me formei, mas não tinha a força da FRASCE que era uma faculdade no subúrbio funcionando à noite, mas era uma garra que aquelas pessoas tinham! Às vezes a gente fazia grupo e via aquelas senhoras já, cochilando! É que elas tinham uma jornada que não dava, de dia cuidava de casa, mulher sacrificada, lavar casa, passar roupa, sei lá, era totalmente diferente. E como pessoa, eu cresci muito dando aula para um público, vou dizer assim, uns alunos de diferentes formações, não era melhores nem piores, mas era diferente. E era muito bom, eu gostei mais de dar aula para os alunos da FRASCE do que para os alunos da zona sul, porque a formação era diferente e era muito bom.*

*Eu gostei mais de dar aula na FRASCE, porque eu sei que a faculdade funcionando à noite, o pessoal tinha garra e ia pra aprender e queria trabalhar e achei sensacional, achei lindo.*

<sup>11</sup> Nelcy Cocchirale Teixeira: Membro efetivo da Diretoria do primeiro Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 2ª Região (Crefito-2). Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/site/index.php/home/resolucoes-coffito/75-resolucao-n-04-1978-designa-os-membros-efetivos-a-diretoria-e-os-suplentes-do-primeiro-crefito-da-2-regiao.html>>. Acesso em: 31 out. 2015.

<sup>12</sup> Faculdade de Reabilitação de Solidariedade à Criança Excepcional (FRASCE).



*Eu era o único professor homem terapeuta ocupacional, aliás, eu era o único homem terapeuta ocupacional da América do Sul, dizem. No Brasil, não era, como eu já falei, tinha um que se formaram, mas nunca exerceu a profissão. Então, era uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo em que isso era bom, abria caminho, vinha muito fisioterapeuta (porque os cursos eram juntos, só separava as especializações)<sup>13</sup>, e diziam: “Você está maluco, isso é profissão de mulheres!” E eu dizia: Profissão tem sexo? Sei lá, porque achavam que era profissão de mulheres, de certo por lidar com as atividades devia ser isso. Quando eu comecei os estudos e vi o que era Fisio e TO, resolvi trocar para o curso de TO. Como é que foi isso? Foi uma opção mesmo, e os colegas mesmo da turma diziam: “Mas isso é profissão de mulheres”. E eu disse “Eu vou fazer e fiz”. Na época, as atividades mais utilizadas eram as artesanais. E na realidade, eram mais mulheres que faziam o curso, não era só mulheres! A turma que vinha antes de mim, só tinha um aluno e depois de mim tinha duas. Depois encheu. O Carlos Aguiar foi o segundo homem, a esposa dele também fez terapia ocupacional. Na minha turma era eu, a Tereza Valente e a Eunice. Éramos três.*

*E quando eu comecei a dar aula tinha outros professores ministrando as especializações, era eu, Guiomar, Hinda Burlamaqui, Tereza Meloni, e... Não sei se tinha mais alguém... Tinha uma brasileira que tinha feito curso na Inglaterra e que também deu aula, a Tassilva Nadaurremi que tinha feito curso no exterior e ela era muito inteligente! Ela tinha muita experiência, mas ela tinha uma coisa mais de Fisioterapia. Tanto que depois fez Fisioterapia e ficou lá.*

*Sobre as provas, é verdade o que a Rita falou: “O Virgílio queria provas elegantes, ele não queria provas rabiscadas: “Não fiquem usando borracha, apagando”. Erros de português, como é que você vai evoluir no prontuário se não sabe nem escrever?”. E ele tirava pontos do português”. Mas não é que eu tivesse na minha cabeça de “ser exigente”, mas a Terapia Ocupacional, sendo uma profissão de nível superior, tinha que corresponder também a tudo, ao título, então você tinha que saber falar, se apresentar, tinha que saber ter uma responsabilidade. Tem uma coisa que eu acho muito séria até hoje, que é falar sobre a Terapia Ocupacional. Uma coisa tão ampla, tão vasta que é difícil de você resumir.*

*E uma pessoa boa de falar sobre Terapia Ocupacional está aqui na minha frente e que infelizmente não foi minha aluna, com a palavra Lisete: “O professor Virgílio foi o único terapeuta ocupacional, que eu conheço até o momento, que comandou cinquenta*

---

<sup>13</sup> Especializações: disciplinas específicas dos cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia.

*terapeutas ocupacionais na ABBR. Eu não sei qual a instituição do nosso país reuniu cinquenta terapeutas ocupacionais, mas o Virgílio conseguiu. Ele conversava, nesta elegância que a Rita está falando, com ortopedistas, fisiatras, neurologistas, oficinairos, com todos. E foi por isso, com essa elegância no trato com os colegas, com os não colegas, que ele conseguiu manter cinquenta terapeutas ocupacionais numa instituição, em relações baseadas na ética, no cuidado e na “inventividade”. Ele inventava...”.*

*Uma vez, falei isso em um evento no Hospital Salpêtrière em Paris, sobre o número de terapeutas ocupacionais no Rio de Janeiro, então um médico lá quase me chamou de mentiroso, me disse: “É impossível, porque nós não temos um número de terapeutas na França como o senhor tem na ABBR”. Eu respondi: “Então o senhor toma um avião e vai lá pra ver se estou mentindo”. Nós éramos, naquela época, só na ABBR, quatorze terapeutas ocupacionais e ele disse: “Isso é o que nós temos aqui em Paris!”.*

*Quando eu estagiei em psiquiatria, eu adorava a oficina terapêutica e por que não fazem aqui? Que preconceito é esse? Os pacientes que estão com deficiência física, eles também têm comprometimento emocional, às vezes até psíquico, psicológico. Então, eu fundei lá uma oficina terapêutica, porque eu vi o modelo em psiquiatria e eu falei: “Eu quero fazer aqui, porque aqui o deficiente físico é consciente das limitações e isso dá um sofrimento incrível”. E ali nas atividades eram incríveis! Era casa sem porta, ou melhor, com porta, mas sem nenhuma fechadura hermeticamente fechada, sem o caminho pra chegar. Eram umas coisas “brabíssimas”. Então, eu fui observando que, nas atividades, elas retratavam não só a deficiência, a limitação física não, mas principalmente o interior daquelas pessoas, o como é que elas estavam se sentindo.*

*A própria formação do terapeuta ocupacional nos possibilita essa leitura. Eu acho que a gente não pode desprezar em momento nenhum as nossas raízes, quando é que nós nascemos e quando a gente atende um paciente... Eu sou meio cabotino no meio da Terapia Ocupacional e já disse isso para vários fisioterapeutas. Nós não somos os maiores, mas somos os melhores, porque a gente tem uma visão globalizada do ser humano, então, isso enriquece o nosso trabalho e nos dá força, e você vê o resultado prático ali.*

*A Rita nos fala: “Esse campo, pouco explorado da Terapia Ocupacional, eu aprendi a fazer isso com você. Você estava falando sobre a questão da acessibilidade e de algumas dificuldades. Eu lembro de que na ABBR, o pessoal fazia adaptação domiciliar. Ia ao domicílio, ajustava a cadeira, a mesa, entre outras ações. Eram duas coisas que hoje os TO’s*

*não fazem: A análise profissiográfica, que era analisar a profissão do sujeito, ver essa profissão para reajustar uma nova profissão e a análise domiciliar, ir ao domicílio, fazia “VD” (que era a visita domiciliar), o primeiro profissional que eu me lembro que fazia isso era o terapeuta ocupacional. Na ABBR, o terapeuta ocupacional fazia toda a VD!”*

*E eu acho que deve ser até hoje. Essa equipe do INPS faz isso. Tem uma terapeuta ocupacional lá que vai a casa e faz, administra, equaciona o ambiente familiar à pessoa com deficiência sem prejudicar a pessoa que não tem deficiência. Faz as adaptações, o chuveiro mais baixo, a torneira ao alcance, essas coisas básicas para ajudar a melhorar o cotidiano, sugere essas modificações. Agora, se você não estiver certo disso, você não pode dizer. Soa como mentira. Eu digo que é assim porque eu acompanhava e fazia junto com eles, era assim. E nós tínhamos uma grande responsabilidade, que era fazer calha para hemiplégico, eu prejudiquei muitos, porque faziam tudo errado: “Não tinha professor para isso, eu fazia pelo palpite.” Quer dizer, o material era acrílico, uma coisa dura, era um... Bom, começou com madeira, então já era uma evolução até chegar ao termoplástico hoje. Botava a mão em cima da madeira, circundava com um lápis, depois com uma serra a gente fazia aquela plataforma que ia da mão até parte do antebraço e amarrava com bandagem. E o paciente já saía com aquela raquete [risos].*

**250**

*Então a primeira coisa que a gente tem que considerar é a pessoa, é o todo e os dados importantes para que a gente faça o prognóstico e trace os objetivos de tratamento.*

*Eu acho que o contato com o aluno foi sempre uma coisa que me deu muito prazer. Quando não fazia reabilitação eu adorava fazer teatro, mas era um teatro amador. Que ver eu subir assim? Me bota num palco, eu sou meio cabotino, meio exibicionista, eu gosto de falar. Mas eu não sei decorar discurso, não saio de casa pensando, falo no que vem na hora dependendo da emoção, sem extrapolar, dentro da Terapia Ocupacional, então não tem modelo que eu siga...*

*Para realizar o atendimento em Terapia Ocupacional, eu uso a emoção, mas essa emoção não anula a cientificidade de que eu estou falando. Esse amadorismo aí não dá... Em relação aos modelos, eu não posso julgar ninguém... Eu não posso copiar o modelo canadense porque não tem nada a ver conosco, não posso importar um modelo que não seja brasileiro, que não seja regional. Se você sair daqui e for para Recife, ou for pra Belém, é outro tipo, você tem que se adaptar. Como no Sul eu não fui ainda, mas é assim, você tem que pegar o regionalismo e fazer e construir a maneira que você vai atuar, considerando a regionalidade do país, que é muito grande e tem essas diferenças.*

*Para finalizar, eu digo: Terapia Ocupacional, quando você começa por terapia, já está tratando, né?! E é um tratamento globalizado, eu não entendo o profissional da terapia ocupacional que atende separado. Eu vou atender uma mão que está acidentada ou com uma lesão neurológica? Não! Eu vou atender uma pessoa que está com a mão assim. Então, a primeira coisa que a gente tem que considerar é a pessoa, é o todo e os dados importantes para que a gente faça o prognóstico e trace os objetivos de tratamento. Então, sem considerar o todo, você vai tratar de uma mão, mas você precisa tratar de uma pessoa que está com a mão lesionada. E como é que é essa pessoa?*

*Na ABBR, tinha uma diversidade de diagnósticos incrível, tinham pessoas tetraplégicas e chegavam as madames sofisticadas, para tratar: “Ohhh meu dedinho aqui” (imita som de choro)! E chegava um paciente já em tratamento e perguntava para ela: “A senhora já deu uma volta aqui na ABBR? Já olhou os pacientes?”. Porque tinha um tratamento de choque na ABBR que eu não sei se ainda tem, mas eram os próprios pacientes na cadeira de rodas no pátio que iam ao encontro de um novo paciente, que chegava também em uma cadeira de roda, e eles perguntavam ao paciente recém-chegado: “Você sabe quando você vai levantar daí desta cadeira?” E o paciente respondia: “Ah eu vou começar o tratamento hoje”. E ouvia: “Nunca!” Então era um tratamento de choque, mas que era para pessoa se espantar, mas depois acordar. Depois, eles vinham com a conversa: “Bom, você está em uma cadeira de rodas, mas não é inútil. É, estamos em uma cadeira de rodas, mas podemos trabalhar e exercer nossas funções e tal”.*

*Só que a gente tem uma sociedade muito preconceituosa. Eu ia a várias indústrias, e eu fui aqui, no Rio de Janeiro e diziam: “Ah não, mas cadeira de rodas não dá! Para entrar de cadeira de rodas não dá (no Hotel Nacional ouvi isso), porque os clientes que vem aqui não podem ver pessoas de cadeiras de rodas passarem, e tem que entrar por onde? Tem que entrar pela copa.” Então, era e é até hoje preconceito.*

*Para os terapeutas ocupacionais, eu deixo esta mensagem: Vocês estão em uma profissão maravilhosa e que é dinâmica. Não para! Os modelos podem variar, podem evoluir, mas a alma de terapeuta ocupacional, essa é a mesma. Se você não tiver a chama lá dentro você não faz Terapia Ocupacional. Não faz! A verdade é a mesma para os terapeutas ocupacionais: Essa missão é linda!*

*Ao final da Mesa História da Terapia Ocupacional no XIV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, a Comissão Organizadora, na voz de Sandra Pacheco entrega a*

*Virgílio um certificado especial do evento, com as assinaturas de vários terapeutas ocupacionais presentes, com o seguinte texto:*

*“Querido terapeuta ocupacional Virgílio Cordeiro de Melo Filho, nossa gratidão a você e ao seu trabalho para tantos, nos faz dedicar esse XIV CBTO e nosso coração a sua vida tão rica a generosa em prol da Terapia Ocupacional, com carinho de todos nós”.*

Virgílio se emociona, e fala: “Ave Maria, posso morrer em paz agora!”.

## Referências

1. ALVITO, M. **À sombra do Jequitibá**. In: LEVERDI, R. et al. (Orgs.). História oral, desigualdades e diferenças. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 117-139, 2012.
2. CALDAS, AL. **Cápsula narrativa em história oral**. In: Oralidades: Revista Brasileira de História Oral/ Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: NEHO Ano 1, n.1, p. 65-76, jan./jun, 2007.

\*Entrevista concedida para a composição da tese de doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. BATTISTEL, A. L. H. T., **História de Vida de Professores de Terapia Ocupacional: Três vidas, três histórias, quatro cantos do Brasil**. Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

---

## Contribuição das autoras:

**Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel:** foi responsável pela concepção do texto, redação, organização de fontes e análise. **Silvia Maria de Aguiar Isaia:** foi responsável pela concepção, orientação e revisão do texto.

Submetido em: 24/01/2017

Aceito em: 14/02/2017

Publicado em: 31/04/2017